

MÍDIAS DIGITAIS E PESQUISA SOCIAL: DESAFIOS E POTENCIALIDADES

■ Anna Paula Vencato; Felipe Padilha

O dossiê *Mídias Digitais e Pesquisa Social* inscreve-se numa série de debates que resultam do esforço contínuo de proporcionar encontros e aproximações entre pesquisadores e pesquisadoras que têm se dedicado a compreender as articulações entre relações sociais e mídias digitais no Brasil contemporâneo.

A coletânea de artigos, conforme se anuncia desde o título, visa apresentar um panorama amplo de algumas das linhas de pesquisa e análises em construção, desenvolvidas nas fronteiras entre pesquisa social e mídias digitais e tendo como foco o contexto brasileiro. A diversidade de temas e abordagens apresentados neste número revela a pluralidade de aproximações possíveis com o tema, explicitado através dos diferentes eixos temáticos e coordenadas teórico-metodológicas, além de apontar para incontáveis possibilidades em aberto e ajudar a diagnosticar problemas do nosso tempo.

Ainda que não sem desafios, o dossiê busca estruturar-se em torno do digital como tópico de investigação, como campo da pesquisa e como ferramenta para o levantamento de dados. Sob cada um desses aspectos o digital tem desafiado os instrumentos disponíveis para a pesquisa social. Longe de pretender oferecer caminhos prontos, os artigos buscam, de maneira criativa, solucionar problemas de pesquisa, equacionando enquadramentos teóricos que permitam compreender as especificidades das relações digitalmente mediadas.

O número está organizado em torno dos seguintes temas: novas formas de produção laboral por meio da internet; estratégias de instituições políticas para o engajamento nas redes sociais; ativismo, sexualidade e mídias digitais; educação, escola e internet; imigração e usos da internet; extração de dados; economia psíquica dos algoritmos.

Inicialmente, o artigo *Estratégias de engajamento nas redes: um estudo de caso sobre as mídias sociais da Polícia Federal*, de Carla Avanzi, analisa as sobre as estratégias usadas pela Polícia

Federal em serviços de redes sociais digitais, como Twitter, Instagram e Facebook. Levando em consideração os recursos característicos da dinâmica das mídias sociais, o artigo analisa como a utilização de dispositivos emocionais, de elementos motivacionais e ampla utilização de *hashtags* por parte da instituição, visam a produção de dinâmicas interativas específicas com a audiência. O que se revela a partir das preocupações com a construção de uma imagem pública online, mediante um esforço para incorporar valores sociais e políticos difundidos a partir das tecnologias, é a elaboração de estratégias de socialização, de modo que a performance do perfil seja capaz de ampliar o número de seguidores, os aproximando da instituição.

Em seguida, *Entre as instituições de ensino e as tecnologias de informação e comunicação: “anomia digital” ou reconstrução do conhecimento*, escrito por João Pedro Lyra da Silva e Breno Rodrigo de Oliveira Alencar, mostra como, por seu caráter de formação de redes em torno de afinidades, a internet tende a produzir um tipo de sociabilidade que é auto regulada e automatizada. Os autores chamam atenção para como a neutralidade técnica que reveste a tecnologia oculta as intenções humanas e de mercado contida no desenvolvimento das tecnologias. Em outras palavras, a internet está longe de ser um espaço neutro e despido de valores, sobretudo se levarmos em consideração que a produção tecnológica se dá sob égide do mercado. Nesse sentido, o texto pode ser interpretado como um convite à reflexão sobre os impasses que as tecnologias produzem a partir das conexões que estabelecem com as instituições de ensino.

Em *Os usos das mídias sociais pelas imigrantes brasileiras no Canadá*, Rodrigo Fessel Segal investiga, a partir de seu campo de pesquisa com dinâmicas de migração e de fluxos de pessoas, os usos sociais dos serviços de redes digitais por mulheres brasileiras que migram para o Canadá. Buscando produzir uma genealogia dos usos, com foco nas estruturas físicas das mídias, suas funções, intenções e formas de utilização, Segal percorre o desenvolvimento técnico e o envolvimento social das pessoas com as mídias. Atravessando quase duas décadas, entre 2000 e 2017, a análise revela as transformações na linguagem online, desde o declínio da textualidade até a ascensão imperativa das imagens.

Plataformas digitais envolvem códigos e termos que dão forma às interações sociais que abrigam. Levando em consideração as transformações da internet ao longo das últimas três décadas, as mudanças implementadas nas mídias digitais se refletem nas maneiras de produzir uma autorrepresentação online. Dito de outro modo, a construção da representação de si em plataformas digitais está limitada por uma arquitetura digital sendo produzida mediante escolhas que ocorrem no interior de uma série limitada de possibilidades por recursos sociais e técnicos, que afetam profundamente as interações e também as normas que as regulam.

Nesse contexto, o artigo *Uma virada conservadora: pânico moral, mídias digitais, (des)ilusões e (des)afetos no Brasil dos anos 2010*, Anna Paula Vencato e Regina Stela Corrêa Vieira discutem como discursos socialmente construídos ao longo da última década na sociedade brasileira, por setores compreendidos e que se reivindicam como conservadores, passaram a questionar e se contrapor a pautas relacionadas à proteção e inclusão de minorias políticas ou de defesa dos direitos humanos. Este embate se deu especialmente através das mídias digitais, e foi consolidado a partir da produção e divulgação em massa de *fake news*, pautadas em pânicos morais, sobretudo em relação a direitos sexuais e reprodutivos, e que impactaram sobremaneira o andamento e resultado das eleições presidenciais de 2018 no Brasil. Para tanto, as autoras analisam discursos encontrados em veículos de imprensa e serviços de redes sociais. Conforme argumentam, embora este contexto de instabilidade política, inédito até então e um tanto desolador e que nos propicia pouca possibilidade de vislumbre de seus desdobramentos, é produzido no interior da mesma sociedade que antes propusera o avanço no (re)conhecimento dos direitos humanos e sociais. Assim, ponderam que é possível encontrar nesses movimentos rumo ao conservadorismo espaços para a crítica e a resistência, algo fundamental para não sucumbirmos à desesperança.

Por caminhos teórico-metodológicos diferentes, Joana Ziller, Dayane do Carmo Barretos, Kellen Xavier, Leíner Hoki, Luiza Bodenmüller, Mônica França Dias, no artigo intitulado *Visibilidades lésbicas em plataformas de mídias sociais: heteronormatividade e resistências no YouTube, Instagram e TikTok*, também centram a análise na dimensão dos usos das tecnologias, mas com foco na maneira como os sujeitos se relacionam com as normas sociais em contextos digitalmente mediados. Produzido no contexto do grupo de pesquisa sobre lesbianidades, o artigo reúne um conjunto diverso de investigações desenhadas a partir de abordagens qualitativas e quantitativas tomadas para compreender as negociações e os deslizamentos de sentido que envolvem as regulações de gênero nas mídias digitais. O artigo examina as tensões produzidas na intersecção entre tecnologia e as percepções sobre a sexualidade lésbica num contexto de mercado que busca alimentar imagens vendáveis.

Também na esteira do gênero, no artigo intitulado *O digital é político: ativismo bissexual e apropriações das mídias digitais*, Helena Monaco e Danieli Klidzio discutem os usos sociais das mídias digitais no ativismo bissexual na internet. Inspirado pelo bordão crítico do feminismo para o qual “o pessoal é político”, a análise desloca o digital posicionando-o como espaço de disputas de poder e, portanto, político. O artigo mostra que a ampliação do consumo de conteúdo e das redes de troca de experiências entre bissexuais a partir do digital tem se colocado como central para a sociabilidade e organização política desses sujeitos. Nesse contexto, a sexualidade é mobilizada como

um marcador identitário e ao mesmo tempo como um sistema classificatório em torno do qual emergem disputas.

O ensaio de Monique Navarro e Luís Artur, de título *Modulações algorítmicas em plataformas digitais e o colonialismo de dados: reflexões para a construção de uma agência descolonial* discute como os algoritmos as subjetividades na sociedade contemporânea através do uso de diferentes instrumentos e técnicas que, de forma colonial e antropocêntrica, reificam a noção de um humano. Concentrados em possibilidades de descolonizar as epistemologias sobre o digital, o texto busca responder a questão: “Como podemos resistir nas (e com as) plataformas digitais?”.

Por fim, Carolina dos Anjos, nos traz a resenha *Esfera pública técnico-midiatizada: contemporâneo campo de batalhas morais e políticas identitárias*. A resenha nos apresenta ao livro *Batalhas Morais: política identitária na esfera pública técnico-midiatizada*, publicado em 2021 por Richard Miskolci. Para Anjos, o argumento central do livro tece reflexões críticas ao modelo de práticas de políticas identitárias contemporâneas, as quais se deram como Batalhas Morais na Esfera Pública Técnico-Midiatizada. O livro, nos conforme nos apresenta, é organizado em capítulos breves e bem sistematizados, e confronta às formas discursivas punitivistas presentes na esfera pública técnico-midiatizada produzidas sob a égide do empreendedorismo de si e da economia da atenção, que se valem de léxicos não científicos como “lugar de fala”, “cisgeneridade” e “experiência”, termos por vezes utilizados como uma blindagem à contra-argumentação, buscando monopólio da fala (ou “protagonismo”). Para a autora, em consonância com a proposta do livro que resenha, embora a formulação de políticas públicas demande certas fixações, uma vez que lhes é fundamental a descrição de quem são os sujeitos da política formulada (ou quem pode ou não acessá-las), na produção científica fixações ou essencialismos devem ser evitados, pensando-se sempre a partir das análises das diferenças (*differance*).

O dossiê apresenta um conjunto de discussões que entrelaçam as mídias digitais, sexualidade, instituições e política no mundo contemporâneo digitalmente conectado. A iniciativa de elaboração da reunião de textos aqui expostos advém, principalmente, de duas experiências coletivas de trabalho: o Grupo de Pesquisa em Sociologia Digital, vinculado ao CNPq e os encontros no Simpósio de Pesquisas Pós-Graduadas que ocorreram anualmente nos eventos da ANPOCS, desde 2016. A interlocução entre os organizadores do dossiê, bem como com a rede de pesquisa mais ampla, não somente impulsiona a composição do dossiê, como também busca abrir espaço para reflexões que contribuam para o campo da Sociologia Digital no Brasil.

Em parte, são estudos que buscam enfrentar o desafio colocado para as pesquisas com mídias digitais: a produção de conceitos, teorias, metodologias e esquemas analíticos que permitam elaborar uma compreensão com base empírica para entender as especificidades dos arranjos sociotécnicos, das

dinâmicas típicas das sociedades em rede e para explicar os fatores que influenciam os sujeitos e as instituições sociais que as compõem, bem como as implicações sociais. Trata-se de um campo de estudos em franca expansão à medida que a tecnologia se mostra mais presente na vida social.

O número também conta com um texto de fluxo contínuo, intitulado *Movimento Hardcore: associativismo e contracultura na construção da identidade*, cujo objetivo é compreender, por meio de entrevistas narrativas, como sujeitos inseridos no movimento Hardcore constroem suas identidades e ações associativas. Os autores consideram que o Hardcore consegue manter certa harmonia entre a emergência individual de uma organização profissional e a sustentação das diferenças na identificação com um movimento de contracultura.

Isto posto, podemos afirmar que um dos principais objetivos desta publicação é contribuir para colocar em circulação a produção nacional das Ciências Sociais sobre o contexto sociotécnico contemporâneo, ampliando o debate a respeito sobre relações complexas entre tecnologia, cultura, política e sociedade. Acreditamos que a coletânea de artigos reunidos neste número interessa a antropólogos, sociólogos, cientistas políticos, pesquisadores e pesquisadoras das humanidades de modo geral.

Temos certeza que a contribuição dos estudos para a compreensão das articulações entre relações sociais e mídias digitais, uma das áreas de pesquisa mais originais e estimulantes da atualidade, permitirá criar conexões sobre novos contextos e espaços de diálogo e debate.

Anna Paula Vencato - Doutora em Antropologia. Professora Adjunta do Departamento de Ciências Aplicadas à Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. Contato: <apvencato@ufmg.com.br>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0542304469914856>..

Felipe Padilha - Doutor em Sociologia. Professor substituto do Departamento de Sociologia da Universidade Federal da Bahia. Contato: <felipeapa@yahoo.com.br>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5608497895561456>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5511-7252>.